

MULHERES VENEZUELANAS REFUGIADAS E SUAS FUGAS PARA DOURADOS-MS (2015-2020): O QUE TE TROUXE ATÉ AQUI?

Kátia Aline da Costa¹

Resumo: A presente proposta de comunicação busca historiar os percalços vividos na trajetória de mulheres refugiadas de nacionalidade venezuelana, especialmente grupos de mulheres domiciliadas no município de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul-MS, no período compreendido entre 2015 a 2020. A proposta integra um projeto de pesquisa de doutoramento, e partir de análises que se encontram em andamento, envolve pesquisa documental e de campo sobre processos migratórios e deslocamentos populacionais, segundo aportes teórico-metodológico pautados em análise crítica e sistemática que envolve História Oral, produção de diário de campo, utilização e análise de entrevistas, aplicação de formulários, assim como contempla ainda registros de mulheres venezuelanas refugiadas, numa perspectiva que possibilita a reflexão sobre a história econômica e a história do tempo presente, pois os processos de deslocamentos, são em sua maioria ocasionados por tensionamentos verificados por crises econômicas. Desse modo, essa reflexão contempla as seguintes problemáticas: que sujeitos compuseram os processos migratórios, os motivos que levaram à migração e que tencionaram os processos de deslocamentos de seu local de origem, a vivência anterior ao processo migratório, os elementos que motivaram a migração, as relações de gênero e poder construídas na vida entre esses deslocamentos, as relações sociais e familiares durante o processo migratório, as relações sociais, comunitárias, coletivas e de integração construídas posterior aos processos de deslocamentos, a vida de mulheres imigrantes refugiadas e seus familiares/parentes, o cotidiano e a vida de mulheres venezuelanas em Dourados-MS, as opções e escolhas de trabalho, o modo de vida e as sociabilidades entre mulheres imigrantes e os outros grupos sociais, as disparidades na forma como diferentes mulheres viveram/vivenciam o processo migratório, as relações com outras mulheres imigrantes no município, os sonhos, lutas e as experiências que compõem o significado de suas vidas, as múltiplas e variadas representações acerca de si mesmas e do grupo social que se vinculam, a importância de permanecer e lutar por melhores estratégias de vida e oportunidades mais dignas, o processo de interiorização e novas perspectivas. Por ora, a investigação fundamenta-se na ideia de que grupos de mulheres venezuelanas refugiadas, - deslocaram-se e/ou deslocam-se do país da Venezuela, - acompanhadas de seus familiares, de parentes próximos, esposos/pais, e motivadas pela necessidade de melhores oportunidades e perspectivas de vida, tendo como possíveis elementos norteadores da migração, o trabalho, o que tem provocado rearranjos familiares e de gênero ao longo desse processo, pois os fluxos migratórios são também estratégias familiares. Ao desenvolver esta investigação, constrói-se uma história que é social, nacional, e ao mesmo tempo local, econômica do município de Dourados-MS, ao considerar as possibilidades de diálogo entre global e local, a história social, econômica e cultura regional. Logo, a partir da fundamentação teórica, aliada as análises sobre fluxos migratórios, redes de migração, trajetórias, histórias, memórias e gênero constrói-se uma história de mulheres venezuelanas refugiadas, compreendida pela abordagem e pelos aportes teórico-metodológicos que envolvem as possibilidades de escrita da história do tempo presente, campo da história que se produz na dinâmica das subjetividades dos sujeitos históricos envolvidos.

Palavras-chave: História de vida; Fluxos migratórios; Fronteiras e interiorização

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). É bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Possui Licenciatura Plena em História e Mestrado Stricto Sensu em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

1. Introdução

O presente texto busca historiar os percalços vividos em torno dos fluxos migratórios e/ou processos de deslocamentos, tendo como objeto principal e norteador de todo o texto, mulheres refugiadas de nacionalidade venezuelana, e suas trajetórias de lutas e/ou fugas. Especialmente, as análises apresentadas parte de uma pesquisa que se encontra em andamento - a proposta de reflexão integra um projeto de pesquisa de doutoramento, - e compreende a pluralidade de realidades de grupos de mulheres venezuelanas refugiadas domiciliadas no município de Dourados², estado de Mato Grosso do Sul-MS, no período de estudo entre 2015 a 2020.

De início, destaca-se nesta introdução, os motivos que levam a utilização do conceito que será tratado de mulheres refugiadas que saem da Venezuela. A origem, ampara-se na análise documental da Convenção de 1951³, relativa ao Estatuto dos Refugiados, e em orientações aos relatórios da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), onde “migração é comumente compreendida implicando um processo voluntário”. Muito embora o termo “migração internacional” possa incluir os movimentos de solicitantes de refúgio e de refugiados, os termos “refugiado e imigrante não são substituíveis”.⁴

Entende-se o termo refugiados/as, segundo as definições específicas como “pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de proteção internacional”⁵. Ao acreditar que o refúgio é “um direito humano universal”, e que “toda e qualquer pessoa pode procurar e se beneficiar de refúgio”⁶, corrobora-se da prática adotada para se ter acesso à assistência de países internacionais, e por isso, a opção pela utilização do termo refugiadas para o diálogo as mulheres de nacionalidade venezuelana, a fim de não enfraquecer a proteção legal específica que é esperada.

A história das mulheres é um tema que tem despertado a atenção de diferentes pesquisadores (as), uma história que é produzida sobre novos olhares, fontes e abordagens. Em decorrência, verifica-se diversos trabalhos científicos, produções de dissertações e/ou

2 Dourados está localizado na região Centro-Oeste, ao centro-sul do estado de Mato Grosso do Sul, circunscrito em uma região fronteiriça, possui uma área territorial de 4.062,236 km², e uma população estimada em torno de 225.495 pessoas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020). Para averiguação, disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/dourados/panorama> Acesso em: 25.09.2020.

3 ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). Convenção de 1951. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/> Acesso em: 27.09.2020

4 ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). Dados sobre refúgio. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/> Acesso em: 27.09.2020.

5 ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). Dados sobre refúgio. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/> Acesso em: 27.09.2020.

6 ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). Dados sobre refúgio. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/> Acesso em: 27.09.2020.

teses recentemente produzidas, e/ou em fase de produção, que versa objetivando analisar a história de mulheres, suas lutas, resistências, e situações silenciadas ao longo dos tempos.⁷

Entre análises que alude ao campo historiográfico história das mulheres, estão as pesquisas científicas da historiadora e professora emérita de História Contemporânea da Universidade Paris VII, Michelle Perrot. Esta pesquisadora é reconhecida no meio acadêmico, e suas investigações partem das greves nos séculos XIX e XX, quando naqueles séculos, a estudiosa já observava a relação entre a “mulher popular e rebelde”, ao contrário da “mulher resignada”.⁸

O contexto de escrita e produção das pesquisas, advinham da relação à participação dessa pesquisadora nos movimentos de pesquisa sobre as mulheres que surgiram no início dos anos de 1970, e nos movimentos de liberação. As investigações se propunham a discutir a “ausência das mulheres nas narrativas historiográficas como parte de uma sedimentação seletiva”.⁹ Sua perspectiva teórico-metodológica inseria-se, portanto, na nova história, especialmente no que diz respeito à busca pelos novos objetos, olhares e abordagens sobre os espaços públicos e privados, o lugar da família e do corpo, identidade, igualdade, o espaço da intimidade, violência, assédio sexual, dentre outros.

Em sua principal obra¹⁰, habitua as mulheres em uma posição central de análise, e demonstra como os “silêncios das mulheres”, foi durante longos séculos, reiterado e racionalizado pelas instituições dominadoras, família, escola, religião, sistemas políticos, com seus aparelhos ideológicos, patriarcalistas e dominadores. Ao caminhar nessa perspectiva de análise, e dialogar com outras importantes pesquisadoras como a historiadora norte-americana Joan Scott, com o historiador das ideias Michel Foucault e o historiador Georges Duby, a pesquisadora demonstra, que nessas instituições, mas também em outros espaços privados, o silêncio foi imposto pela ordem simbólica.

Michelle Perrot, tece também importantes análises no que tange, as fontes primárias de pesquisa histórica, ao constatar que existem poucos registros sobre mulheres nos arquivos, uma vez, que a escrita historiográfica esteve destinada e/ou apropriada pelos homens, personagens históricos, registros e relatos com atos da administração e do poder público. Ao fazer essa denúncia, a historiadora, aponta para dificuldades de se escrever uma história das mulheres, devido à falta de registros da sua presença, e o “apagamento de seus traços”¹¹, fato que pode ser observado numa pesquisa de campo como esta ora apresentada, sobre fluxos migratórios de mulheres refugiadas, que se propõe a pensar sua condição e situação histórico-social.

Nesse contexto, apesar de ser um tema, - história das mulheres, - que tem suscitado na atualidade a atenção de pesquisadores (as), o campo de investigação e as problemáticas

7 PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.

8 *Idem*.

9 *Ibidem*, p. 253.

10 *Ibid.*

11 *Ibid.*

que demandam essa pesquisa, fluxos migratórios de mulheres refugiadas é um campo de estudo ainda recente. Especialmente, a investigação com mulheres venezuelanas refugiadas, - deslocadas do país da Venezuela, acompanhadas de seus familiares de parentesco próximo, esposos/pais e/ou sozinhas, que motivadas pela necessidade de melhores oportunidades de vida envolvem-se nos processos de deslocamentos populacionais, tendo em vista que são múltiplos os elementos norteadores da migração, - que desloca para discussões sobre novos arranjos familiares, questões de gênero, debate sobre violência, e outros temas que podem ser abordados, devido aos elementos vivenciados no longo processo de deslocamento.

Uma das questões que tem incentivado esse estudo, que elementos motivaram a migração dessas mulheres, ocorreram tensões nos processos de deslocamentos desde o local de origem ao território de interiorização, como era a vida anterior ao processo de deslocamento, como são vivenciadas as experiências de relações de gênero e poder entre esses deslocamentos, suas relações sociais e familiares como ocorrem no processo migratório.

Ao mesmo tempo, intenta também outras reflexões, no que tange, as relações sociais, comunitárias, coletivas e de integração construídas posterior aos processos de deslocamentos, a vida de mulheres venezuelanas refugiadas e seus familiares/parentes/amigos/as, o cotidiano dessas mulheres refugiadas em Dourados-MS, opções e escolhas de trabalho, modo como vivenciam suas culturas, as sociabilidades entre mulheres refugiadas e os outros grupos sociais, e as disparidades na forma como diferentes mulheres viveram/vivenciam o processo migratório.

A fim de aprofundar a análise sobre os percalços que incluem os fluxos migratórios, verifica-se a importância de refletir sonhos, lutas e experiências que compõem o significado da vida para mulheres venezuelanas refugiadas, as múltiplas e variadas representações acerca de si mesmas e do grupo social que se vinculam, a importância de garantir condições, estratégias, espaços que oportunize uma vida digna e priorize a integração no processo para uma nova vida.

Ao levar em consideração essas problemáticas, a investigação histórica inicia-se com pesquisa documental por meio de levantamento de fontes, coleta de dados e pesquisa bibliográfica, o que tem possibilitado, reconhecer mulheres venezuelanas refugiadas domiciliadas em Dourados-MS. Paulatinamente o trabalho de análise de referências com base em diversos documentos, provenientes de estudos, relatórios, catalogações, estatísticas também são fontes históricas, que já sinalizam indícios importantes para o produto histórico.

A maioria das fontes documentais averiguadas tem demonstrado que, de modo geral, no constructo do conhecimento histórico, as pesquisas que envolvem trajetórias de mulheres refugiadas e os processos de interiorização, são temas pouco explorados no campo da História.¹²

¹² ANNONI, Danielle. *Direito internacional dos refugiados e o Brasil*. Curitiba: Editora Gedai/UFPR, 2018.

Desse modo, atualmente, observa-se que as pesquisas científicas sobre temas migratórios no Brasil transitam muito mais no campo do Direito, na tentativa de reconhecer imigrantes e refugiados/as numa perspectiva geral que incorporam direitos humanos, assim como pela necessidade em analisar a crise humanitária e migratória. Como aporte da afirmação, o livro intitulado “Direito internacional dos refugiados e o Brasil”¹³, que foi desenvolvido no âmbito da Cátedra Sérgio Vieira de Mello do ACNUR/BRASIL, vinculado a diversas universidades brasileiras e financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), é resultado de um processo construtivo de trabalhos que versam sobre a situação e o ordenamento jurídico brasileiro.

Ana Paula Martins Amaral, pós-doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), integra importante linha de pesquisa no que se refere “Fluxos migratórios internacional no estado de Mato Grosso do Sul”¹⁴, e por sua vez, produziu relatório tendo sua visão voltada aos fluxos migratórios em Mato Grosso do Sul. Nesse relatório, a pesquisadora apresentou algumas reflexões sobre migração venezuelana, e afirmou que venezuelanos não demonstram intenção de viver o fluxo migratório, pois para esta pesquisadora o maior desejo desse grupo é de retornar a Venezuela. Suas constatações demonstram ainda, o desejo que venezuelanos têm de enviar dinheiro para família, favorecendo condições de vida para aqueles que ficaram em sua terra natal.

Ao caminhar na mesma direção investigativa, esta pesquisadora, divulgou também dados sobre a “migração voluntária” no município de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul, segundo uma estimativa de “cerca de 200 venezuelanos para esta região”, e ao citar Dourados-MS, apresentou referências em que “a migração haveria se concretizado por meio de um processo organizado, associado à Operação Acolhida, em que instituições, empresas, sociedade civil e organizações, teriam auxiliado em torno de 800 venezuelanos”.¹⁵ Ademais, a mesma pesquisadora realizou outras investigações, no tocante ao fluxo migratório de haitianos, dispondo do campo de pesquisa do município brasileiro da região Centro-Oeste, Campo Grande-MS.

Em sentido contrário, compreende-se que os fluxos migratórios envolvem processos complexos e multifacetados, imbricados em trajetórias compreendidas pelas dificuldades, dilemas e perspectivas daqueles que deslocam-se para outro lugar, e por esse motivo, a ênfase que se pretende construir nessa pesquisa histórica contempla a investigação e análise sobre deslocamentos, relações reconstruídas, estratégias, redefinições e rearranjos familiares e de gênero vividos ao longo do processo de integração, ou seja, logo após a chegada, acolhida e permanência de mulheres venezuelanas refugiadas à sociedade.

13 ANNONI, Danielle. *Direito internacional dos refugiados e o Brasil*. Curitiba: Editora Gedai/UFPR, 2018.

14 AMARAL, Ana Paula; ZEPHYR, Marisa F. N. Análise do fluxo migratório de haitianos em Campo Grande-MS: In: URQUIZA, Antonio Hilário Arguilera (Org). *Fronteiras dos Direitos Humanos: Direitos Humanos nas Fronteiras*. 1 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016, v 1, p. 141-165.

15 *Idem*. p. 39.

Igualmente, sustenta-se a pesquisa histórica na apreciação realizada a partir da leitura do “Relatório sobre as Violações de Direitos contra Imigrantes Venezuelanos no Brasil”, publicado pelo Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH), segundo a Recomendação N° 01, de 31 de janeiro de 2018, onde consta no item I.b deste documento: “necessidade de um plano de interiorização, onde os municípios e Estados abrangentes que participam do programa de interiorização” devem, por obrigação, “acolher venezuelanos competindo assim alguns oferecimentos” como um sistema de acolhimento abrangente que assegure os direitos de pessoas em situações de vulnerabilidade.¹⁶

Mediante à necessidade de um verdadeiro plano que integre diferentes grupos de pessoas deslocadas que se movimentam em regiões fronteiriças, o município de Dourados-MS tem características peculiares por ser um “local de passagem”, onde localizado 120 quilômetros da fronteira com o Paraguai, é inserido em um espaço marcado pela diversidade cultural, sendo perceptível neste município, e também em Ponta-Porã seus “loais de passagens”.¹⁷

Virá a ser o município de Dourados-MS, um “local de passagem” as mulheres venezuelanas refugiadas? A região Centro-Oeste, e de modo especial, o município de Dourados-MS, recebe constantes fluxos migratórios, e em se tratando de pessoas refugiadas de nacionalidade venezuelana, de abril de 2019 a março de 2020, foram interiorizados somente em Dourados-MS, 1968 pessoas, conforme demonstra fonte do Subcomitê Federal para Interiorização dos Imigrantes.¹⁸

A transferência de grupos de mulheres, homens e crianças venezuelanos (as) para cinquenta cidades das dezessete unidades da Federação, fazem parte da Operação Acolhida, e a maioria de venezuelanos (as) chegaram e/ou permanecem chegando ao Brasil, internam pelas regiões fronteiriças que ligam os estados de Roraima e Amazonas.¹⁹ Vale destacar, que essa interiorização pelas fronteiras mencionadas, não se aplica na realidade durante esse ano de 2020, mediante à crise acometida pela propagação da doença Coronavírus (COVID-19), que tencionou pelo fechamento todas as fronteiras como parte das medidas de proteção.

Mas até então, Dourados-MS, já havia recebido um grande número de imigrantes refugiados (as), o que modificou o contexto da região, e que resulta ao incentivar paulatinamente, a afirmação de política estadual de auxílio e recebimento, especialmente a imigrantes internacionais, uma vez, que a condição de refugiado (a) no Brasil é garantida pela legislação.

16 CNDH, Conselho Nacional dos Direitos Humanos. *Relatório sobre as violações de direitos contra imigrantes venezuelanos no Brasil*. Brasília, 2018, p. 01-41, p.35.

17 DA SILVA, César Augusto S. *A política migratória brasileira para refugiados (1998-2014)*. Editora Íthala. Curitiba, 2015, p.46.

18 ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *A situação dos refugiados no mundo: Cinquenta anos de ação humanitária*. Almada: ACNUR, 2000.

19 MINISTÉRIO DA DEFESA EXÉRCITO BRASILEIRO, *Braço Forte, Mão Amiga. Operação Acolhida*. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/guest> Acesso em 27.09.2020.

Não existem Comitês Estaduais específicos para tratar a questão da mobilidade humana internacional que perpassa a região, a não ser no Estado do Mato Grosso do Sul, e ainda assim uma construção institucional muito recente. Fora isso, apenas o Distrito Federal e a cidade de Brasília apresentam uma estrutura migratória relevante para acolhimento de refugiados, tendo em vista sua posição de capital do país.²⁰

Desse modo, os processos de acolhimento e de interiorização de imigrantes e refugiados (as) ocorrem em âmbito municipal, o que promove as acolhidas concentradas nas mãos de organizações não governamentais e entidades municipais locais. No caso, em Dourados-MS, algumas dessas instituições não governamentais, como o Centro de Referência Especializada para População em Situação de Rua, conhecido como Centro (POP), é referência no atendimento de pessoas em diferentes contextos, que envolvem cenários de indivíduos que temporariamente passam por Dourados-MS, e não tem onde se instalar, às situações de moradores (as) de rua, e pessoas em diversas situações de vulnerabilidade.

As observações dissertadas, estão em acordo ao levantamento de dados documentais, no que não se evidencia nos estados a afirmação de políticas públicas específicas para proteção dos direitos de mulheres refugiadas, e igualmente completam-se a análise de algumas fontes orais, de que “não existe nenhuma política de gênero para a crise de imigração que vivemos”. “Mulheres e crianças são 100% negligenciadas”.²¹

Até o momento, análises documentais apontaram também que, o Brasil é a quinta nação em maior número que, recepcionou venezuelanos (as). Em um quantitativo mais abrangente de deslocamento populacional do país da Venezuela para outros, dados divulgados apontam, que até o mês de junho de 2019, o número de venezuelanos (as) que se deslocou de seu país de origem, alcançou os quatro milhões, e nos últimos sete meses de novembro do ano de 2018, esse número teve crescimento em torno de um milhão²².

Em princípio, a migração de pessoas refugiadas de nacionalidade venezuelana, está relacionado às diversas dificuldades de vida em seu país de origem, devido elementos que envolvem elevado nível de pobreza, desigualdades, crises econômicas, conflitos políticos, ideológicos, culturais e sociais vividos nesse país. Aos países de acolhimento que recebem imigrantes e refugiados, verifica-se que não há estrutura adequada as necessidades das fa-

20 DA SILVA, César Augusto S. *A política migratória brasileira para refugiados (1998-2014)*. Editora Íthala. Curitiba, 2015, p.53

21 As informações têm em vista entrevista de Jeane Xaud, ativista de Direitos Humanos e defensora pública em Roraima. As fontes para a constatação podem ser encontradas na entrevista realizada por Leilane Menezes e Igor Estrela (2019), disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/a-saga-das-mulheres-venezuelanas-refugiadas-no-brasil> Acesso em: 27.09.2020.

22 MINISTÉRIO DA DEFESA EXÉRCITO BRASILEIRO, Braço Forte, Mão Amiga. *Operação Acolhida*. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/guest/Acesso+em+27.09.2020>. ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *A situação dos refugiados no mundo: Cinquenta anos de ação humanitária*. Almada: ACNUR, 2000.

mílias, o que pressiona o sistema de assistência básica, não garante o verdadeiro acesso digno e inerente aos/as refugiados/as e seus/as filhos/as como saúde, moradia, alimentação, educação, em virtude de que, mais da metade de refugiados (as) venezuelanos (as) na América Latina enfrentaram e/ou continuam a enfrentar situações de risco e vulnerabilidade.²³

Entre os maiores desafios para refugiados (as), estão as questões relacionadas a segurança, falta de documentação, violência sexual e de gênero, abusos físicos e morais, falta de acesso aos direitos e serviços básicos à vida. Apesar disso, na sistematização de fontes, observamos que no Brasil, pessoas que buscam refúgio enfrentam também diversos problemas associados ao preconceito, mercado de trabalho, fome e xenofobia, fato porque os obstáculos para o tratamento adequado e as demandas não são avaliadas devidamente para a efetivação de políticas públicas concretas

Aliadas aos elementos primordiais que envolvem políticas públicas, pretendemos que os desafios ocorrem, no sentido de atender as demandas, de grupos que participam efetivamente do processo de migração, neste objeto de pesquisa, mulheres venezuelanas refugiadas, que tem o Brasil como destino, e que são marcadas por dor, traumas, travessias, e incertezas de chegada, e que reconstroem em contextos diversificados rearranjos familiares e de gênero.

Estudiosos (as) e pesquisadores (as) de diferentes correntes teóricas têm inquerido esforços na experiência de explicar os novos processos de deslocamentos populacionais. Contudo, até o início do século XX, as teorias produzidas sobre migração estiveram influenciadas por questões que envolviam o mundo industrial, as análises sobre o desenvolvimento econômico, as teorias da modernização, e o enfoque estruturalista.

Especialmente, nas últimas décadas do século XX, o fenômeno da mobilidade populacional passou a apresentar transformações significativas no âmbito de refletir as redes de migração, os rearranjos e processos de construção de vida, de redes sociais, regiões, culturas, assim como das mudanças decorrentes dos deslocamentos populacionais, em detrimento de sonhos e perspectivas que se materializam, uma vez que o fenômeno migratório é social. Para este autor “as migrações internas são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas.”²⁴

Em se tratando dos deslocamentos populacionais de camponeses e pequenos proprietários, em em sua maioria, esses processos migratórios ocorreriam motivados pelas razões de repulsão, que se manifestariam de duas formas, pelos fatores de mudanças, e pelos fatores de estagnação, em ambos os deslocamentos estariam relacionados às desigualdades

23 ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *A situação dos refugiados no mundo: Cinquenta anos de ação humanitária*. Almada: ACNUR, 2000.

24 SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, Hélio A. de. *Migração interna: textos escolhidos*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. t 1, p. 211-244.p.217.

regionais. Nessa perspectiva, no lugar de destino e chegada dos sujeitos, estariam os fatores de atração, que orientariam as escolhas, os locais para onde as populações se destinariam.²⁵

Ao centrar os estudos nas redes sociais, rearranjos familiares e de gênero, encontramos também nos trabalhos de Gláucia Oliveira Assis referenciais relevantes para o estudo. Esta pesquisadora, - atua na coordenação do Observatório das Migrações de Santa Catarina, e têm desenvolvido importantes pesquisas na área de Antropologia Social, e Migrações Contemporâneas, com ênfase na análise de redes de migração, migrações internacionais, e na articulação junto aos temas gênero, família, redes sociais, dentre outros.

Como pesquisadora das práticas cotidianas, e de processos culturais que incorporam as múltiplas formas de sociabilidades, Gláucia Oliveira Assis, analisa as experiências cotidianas historicamente construídas, as condições sociais de mulheres, e os fluxos migratórios, a partir de sua constatação sobre o crescimento da participação feminina, ao afirmar que esses fluxos são também estratégias familiares.

Sua tese de doutoramento é um estímulo à análise documental sobre a importância das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos como articuladoras de redes sociais na migração. Nas pesquisas, a autora aponta para o fato de que migração provoca rearranjos familiares e de gênero ao longo do processo, por isso afirma que “a migração não é resultado apenas de uma escolha racional, mas de estratégias familiares nas quais homens e mulheres estão inseridos, contribuindo para rearranjos das relações familiares e de gênero”.²⁶

Embora todo esse material documental para análise histórica, dispomo-nos igualmente, de aportes metodológicos que integram a utilização de metodologias de campo, análise crítica e sistemática que envolve História Oral, produção de diário de campo, utilização e análise de entrevistas, aplicação de formulários, assim como contempla ainda os registros pessoais produzidos pelas mulheres venezuelanas refugiadas, por meio da observação participante, fontes de pesquisa como cartas, fotos, relatos, e documentos, numa perspectiva que possibilita o olhar de gênero sobre os movimentos migratórios, ao problematizar e evidenciar o significado subjetivo das experiências migratórias, pois conforme afirma “a migração é um projeto econômico, familiar e afetivo”.²⁷

25 SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, Hélio A. de. *Migração interna: textos escolhidos*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. t 1, p. 211-244.p.217.

26 ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui... estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, SC. 1995, p.11.

27 ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar aqui... estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, SC. 1995, p.201.

Ao mesmo tempo, permite também avançar nas reflexões sobre história econômica e a história do tempo presente, pois os processos de deslocamentos, são em sua maioria ocasionados por tensionamentos verificados por crises econômicas.

Outrossim, as pesquisas produzidas no Brasil, tangenciam discussões sobre movimentos pendulares, desdobramentos de pautas, explicações para fluxos migratórios, teorias das migrações internacionais, e perfil de refugiados. Vários trabalhos publicados são resultados de grupos de pesquisa, produções de monografias, dissertações de mestrado, relatório de iniciação científica de diferentes economistas, sociólogos, e de modo especial, profissionais da área dos direitos fundamentais, preocupados com a área de Direito Internacional.

Ao contribuir no processo de construção histórico e científico, associa-se os paradigmas que institui a Nova Lei de migração no Brasil²⁸, aos aspectos culturais, políticos, sociais e econômicos, e aos contextos adversos que tencionam a vida e o cotidiano de mulheres venezuelanas refugiadas que saíram de seu país de origem.

Refletir essas demandas, e a construção dos processos de interiorização, é favorecer e defrontar novas dinâmicas de maneira peculiar. Lado a lado, as análises sobre processos migratórios, e história das mulheres, são temáticas palpitantes, que propõe teor científico e rigorosidade de análise das fontes.

A pertinência de análise sobre os fluxos migratórios de mulheres de nacionalidade venezuelana, está relacionada aos intensos processos de deslocamentos forçados vivenciados em últimos anos, não somente por pessoas de nacionalidade venezuelanas, como haitianos (as) e bolivianos (as). Com maior ênfase, os anos de 2016 e 2017, verificamos o aumento gradativo de crises, e a incursão paulatina, de ajuda humanitária internacional, ocasião em que o governo federal reconheceu o status de refugiados (as) aos venezuelanos (as), de igual modo, “não atuou efetivamente nas regiões brasileiras para auxiliar na acolhida e integração local”.²⁹

Ou seja, embora diversas demandas tivessem tomado o contexto brasileiro, governos não contemplaram a efetivação de direitos sociais e culturais para refugiados (as) no Brasil. Desse modo, acredita-se que se não houver uma política definida de integração às situações de violações de direitos que esses grupos vulneráveis vivenciam no Brasil, suas condições de vida, não se distinguirá, da conjectura vivida na Venezuela.

Tais questões convida a operação historiográfica de uma história que é social, nacional, e ao mesmo tempo local, econômica do município de Dourados-MS, ao considerar as possibilidades de diálogo entre global e local, história social, econômica e cultura regional.

28 Lei Nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Disponível para acesso em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm Acesso em: 27.09.2020.

29 ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). *A situação dos refugiados no mundo: Cinquenta anos de ação humanitária*. Almada: ACNUR, 2000, p.13.